

# Sarney vence barreira

11 MAR 1985

LEONARDO MOTA NETO  
Repórter Especial

O presidente em exercício José Sarney opera um "governo invisível" em contrafação a um "governo paralelo" com que próceres mais insatisfeitos com sua ascensão ao poder pretendem embargar-lhe as decisões, no aguardo da posse do presidente eleito Tancredo Neves. Sarney, porém, com a ajuda de alguns poucos amigos, incrustados no primeiro escalão do governo, e também leais a Tancredo, vai conseguindo remover arestes apontadas por suscetibilidades feridas, ou mero preconceito político, e consegue levar à frente o governo interino já com 15 dias.

Dentre esses amigos — todos experimentados articuladores políticos, testados num sem-número de crises políticas anteriores — estão alguns ministros. São quadros políticos do regime anterior, remanescentes do PDS emigrados para a nova situação, ou próceres históricos do PMDB, provenientes do antigo PP, ou ainda setores moderados do PMDB, os que mais ajudam o presidente a manter um "governo invisível", que na verdade consiste numa rede de sustentação do regime emergencial da Nova República para não fazê-lo soçobrar prematuramente.

Essa teia tem nos ministros Aluisio Alves, da Administração, Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, José Aparecido de Oliveira, da Cultura, Marco Maciel, da Educação, Aureliano Chaves, das Minas e Energia, e Fernando Lyra, da Justiça, seus grandes articuladores. Todos são amigos do presidente Tancredo Neves, uns mais, outros menos, mas na sua unanimidade leais ao verdadeiro líder da Aliança Democrática. Como a nenhum deles interessa a fragilização precoce do novo regime, todos contribuem para manter intacta uma simulação do exercício integral do poder. O Ministro da Justiça, por exemplo, não passa um dia sem ir ao Palácio do Planalto, além de comunicar permanentemente por telefone com o presidente Sarney.

Essa aparência do pleno desempenho do Presidente em exercício é considerada vital para a afirmação do poder civil, tarefa considerada prioritária

do Jaburu, habitado pelo vice-presidente Aureliano Chaves — cujo histórico gesto de dissensão política do governo Figueiredo abriu caminho para a vitória do ex-governador de Minas — Aluisio Alves já trabalhava a favor da elevação de Sarney como o candidato a vice. Mais ainda porque, velho amigo de Tancredo, por ele levado para uma diretoria do Banco do Estado de Minas Gerais para conviverem perto um do outro, além de companheiros do PP, Aluisio sabia que no coração do candidato pulsava outro nome que não o do senador maranhense como preferido para o vice. O nome era o do general Reynaldo Mello de Almeida, ex-presidente do STM, o que asseguraria a Tancredo uma faixa de diálogo intenso com o "grupo Geisel", e ainda com os militares da ala hoje representada no governo pelos generais Leonidas Pires Gonçalves e Ivan de Souza Mendes, egressos do "castellismo" — a elite do Exército.

Aluisio Alves passou a demolir, peça por peça, os argumentos do candidato em favor do general Reynaldo, fazendo o proselitismo de Sarney, que já era a solução natural desde que o senador Marco Maciel se interessara de corpo e alma pela fundação no novo partido da Frente Liberal, e surgia como solução natural para a Presidência do Senado, a qual terminou afastando. A resistência a Sarney foi grande, da parte de Tancredo. Nessa fase, é sabido o diálogo mantido pelo candidato com um jornalista político que priva de sua intimidade há 30 anos, ao encontrá-lo na Câmara:

— Por favor, sugira ao jornal qualquer nome para a vice, até o do senador Luiz Cavalcanti, menos o do Sarney.

Só Tancredo conhecia os motivos de tamanha resistência. Provavelmente, por não ter certeza de que o senador, lutador intrepido contra os bloqueios da política — um antigo saco de pancadas do, pelo menos, três presidentes militares, o último dos quais, Figueiredo, chegou a afirmar que não lhe daria a faixa presidencial — primeiramente conseguiria a liminar na Justiça Eleitoral contra a tentativa da impugnação de seu registro ao PMDB e, conseqüentemente, a validade de sua candidatura à vice-

ria para Sarney. Ele bem sabe das dificuldades que tem para superar diariamente, a começar fazendo-se confiável do pequeno círculo palaciano, que foi totalmente montado pelo presidente eleito Tancredo Neves à sua feição e gosto. Com esses assessores — a começar pelos ministros do Gabinete Civil, José Hugo Castello Branco, e do Gabinete Militar, general Bayma Dennys — José Sarney tem mantido um nível elevado de diálogo, angariando respeito mútuo das relações do poder. Quase todos os outros assessores estão em São Paulo, junto à família do Presidente, e ainda não tiveram um exercício de campo junto ao Presidente interino.

Dentre os ministros que participam desse esquema invisível para fortalecer Sarney, os da Administração, Aluisio Alves, e das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, são amigos dos mais íntimos e antigos da família Tancredo Neves, e funcionam como aparadores de tensões ou renovadores de suspicácias que geralmente surgem, como pequenas bactérias, do tecido das intrigas palacianas e familiares. Aluisio e Antônio Carlos se comunicam várias vezes por dia com Sarney, por telefone, e quando não tomam o café da manhã, almoçam ou jantam no Palácio do Jaburu, ou mesmo participam das refeições ligeiras servidas no gabinete do Palácio do Planalto. São os grandes conselheiros de Sarney no poder.

Ao ministro Aluisio Alves, inclusive, é creditada uma atuação ainda mais crucial para a consolidação de Sarney, antes mesmo de sua ascensão como candidato à vice-presidência da República. Quando a armadura da Aliança Democrática percorria o roteiro entre o comitê eleitoral do então candidato Tancredo Neves, a presidência do PMDB e o Palácio

Presidência, seria aceito pelos militares. O senador, todavia, conseguiu a confirmação de sua filiação ao PMDB e superou todas as áreas de fricção com os chefes militares, em nome da preservação das normas constitucionais, avocadas pelo ministro do Exército, general Leonidas, na dramática reunião da madrugada do dia 15 de março. Por fim, Sarney foi unido pelo próprio condestável do novo regime civil o presidente nacional do PMDB e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães.

O ministro José Aparecido de Oliveira também contribuiu, junto a preponderantes vozes militares, para a consolidação de Sarney, mas seu papel é mais relevante trazendo informações para os meios de comunicação e importantes formadores de opinião, acerca da boa ligação entre o Presidente em exercício e o residual de poder do presidente eleito Tancredo Neves. Aparecido amigo histórico de Sarney, extremamente leal e habilidoso, também desenvolveu contatos a nível federativo, junto a governadores, para reduzir pontos de choque.

Devido à sua postura de resguardo ético, os ministros Aureliano Chaves e Marco Maciel são os mais reservados na operação de sustentação de Sarney: como membros da cúpula da Frente Liberal, não desejam avançar um centímetro no terreno político, para não prejudicar o equilíbrio de forças da Aliança Democrática. No momento, os dois ajudam Sarney através de uma defesa intransigente das indicações liberais para o segundo escalão do governo, através do presidente do partido, senador Jorge Bornhausen. No exercício do poder, Sarney não poderia passar a defensor de nomeações partidárias, tornando-se parte de uma disputa por áreas de influência dentro do governo.